Apresentação

Raquel Paiva Dias-Scopel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DIAS-SCOPEL, R.P. Apresentação. In: *A Cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto: autoatenção e medicalização entre os índios Munduruku* [online]. 2nd ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2018, pp. 21-23. Saúde dos Povos Indígenas collection. ISBN: 978-65-5708-014-6. <https://doi.org/10.7476/9786557080146.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

É um prazer apresentar a segunda edição deste livro pleno de significados. Em 2017, retornei à aldeia Kwatá com meu marido, Daniel, e meus dois filhos, Leonardo (com 5 anos) e Giovanna (com 1 ano e 10 meses). Foi uma experiência fantástica rever os amigos e observar a interação das crianças eufóricas por aprenderem e ensinarem muitas brincadeiras. Nossos anfitriões ficaram muito felizes em conhecer meus filhos. As mulheres que vivenciaram comigo minha experiência de gestação na aldeia, que “pegaram minha barriga”, fizeram banhos terapêuticos para mim, compartilharam comidas, prescreveram restrições alimentares, diagnosticaram meu marido com “abalo de criança”, entre outras tantas trocas de saberes e orientações, agora queriam saber como havia sido o meu parto, detalhes da amamentação e dos cuidados diurnos e noturnos com meus filhos. Como antropóloga, essa foi uma experiência muito rica que me possibilitou verificar diversas continuidades com o que eu havia escrito anteriormente sobre a vida cotidiana munduruku e, também, outras que ainda pretendo escrever, com um olhar mais detido na infância.

A etnografia aqui apresentada teve sua origem na tese de doutorado defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e publicada em 2015 pela Associação Brasileira de Antropologia com o título *A Cosmopolítica da Gestação, Parto e Pós-Parto: práticas de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku* e aborda as práticas cotidianas e rituais voltadas para a construção de corpos saudáveis e fortes e para a formação de pessoas habilidosas, dispostas e cooperativas do ponto de vista munduruku. Um ponto de vista caracterizado por uma perspectiva xamânica do cosmo. Um cosmo habitado por diversos seres dotados de agência e intencionalidades múltiplas, capazes de intervir na vida cotidiana dos Munduruku. Para os Munduruku, as noções de corpo, saúde, doença, pessoa e gênero ganham significados simbólicos particulares, mas não estáticos, pois transmitidos de geração em geração por meio de experiências vividas em um contexto historicamente marcado pelas relações interétnicas com outros povos indígenas, com não indígenas e com uma diversidade de agentes

sociais de diferentes matrizes religiosas e médicas (Scopel, Dias-Scopel & Wilk, 2012; Scopel, Dias-Scopel & Langdon, 2018).

O ponto de partida desta análise é a etnografia das práticas de atenção à gestação, ao parto e ao pós-parto manejadas por mulheres e homens Munduruku imersos em um contexto de pluralismo médico, onde atuam mulheres mais velhas das famílias extensas, pajés, parteiras, agentes indígenas de saúde, técnicos(as) de enfermagem, enfermeiros(as) e médicos(as). A atuação de cada um desses atores sociais é marcada por diferentes intencionalidades e expectativas nem sempre convergentes. A pesquisa etnográfica evidencia que mulheres e homens Munduruku articulam diferentes formas de atenção à saúde, indígenas e biomédicas, apesar da crescente expansão do modelo biomédico em terras indígenas.

Os Munduruku nos ensinam que a construção dos corpos, das pessoas e das habilidades, consoantes aos valores socialmente compartilhados, são processos sociais que resultam de práticas cotidianas e rituais por meio do envolvimento de diferentes membros da família elementar e extensa. A etnografia desse processo nos conduz a observar algumas limitações no campo da saúde indígena, em particular para a promoção de uma atenção diferenciada conforme preconizado pela Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Pnaspi) (Brasil, 2002a). A diretriz da atenção diferenciada, como se verá ao longo do volume, convive com uma atenção primária atualizada com base em noções e práticas excessivamente limitadas ao corpo individual e ao tratamento medicamentoso das doenças, caracterizados pelo paradigma biológico e individualista (Menéndez, 2009; Lock, 2004). Para os Munduruku, corpo, saúde e ambiente estão intrinsecamente relacionados e é a devida articulação entre eles, segundo protocolos socialmente compartilhados e cosmologicamente vividos, que possibilita a reprodução biossocial da coletividade (Scopel, Dias-Scopel & Langdon, 2018).

Para os Munduruku, a ação de uma pessoa pode afetar a manutenção da saúde de outras que compartilhem uma mesma rede de relações, do mesmo modo que a agência dos demais seres do cosmo também pode acarretar doenças, infortúnios e morte aos Munduruku. É na tentativa de manter a saúde e prevenir doenças que os Munduruku desenvolvem um conjunto de práticas de autoatenção, em que manejam protocolos de afastamento e aproximação adequados aos demais seres do cosmo, como estratégias de sobrevivência e reprodução biossocial.

O processo de gestação, parto e pós-parto vivenciado pelos Munduruku não pode ser reduzido a uma experiência biológica, obstétrica e individual. Trata-se, antes, de uma experiência articulada em um contexto marcado pela pluralidade de atores, agências e saberes. É nesse sentido que o termo cosmopolítica ganha significado, para afirmar um contexto em que as ações e negociações envolvem diversos atores, entre eles Munduruku, profissionais da saúde brancos e indígenas, “bichos do fundo” e outros seres “encantados”. Não se trata

de imaginar a busca de um consenso de ordem cosmopolita, capaz de abranger as demandas de diferentes atores envolvidos na negociação apenas, conforme bem pontuou Blaser (2016), mas de considerar que para os Munduruku os seres “encantados” também ocupam um lugar de destaque nas ações e negociações que ocorrem no cotidiano da aldeia. É no transcorrer da vida diária que os usos e manejos do corpo e do ambiente podem afetar a saúde individual e coletiva por meio da interferência de seres “encantados” (Scopel, Dias-Scopel e Langdon, 2018). A perspectiva xamânica do cosmo e a ênfase na articulação entre saúde, corpo e ambiente desafia a atualização prática dos princípios expressos pela Pnaspi. Assim, a busca da atenção diferenciada permanece um campo aberto à discussão e uma diretriz pouco clara num cenário em que “a política de desenvolvimento econômico atua contra as necessidades plenas de bem-estar” (Scopel, Dias-Scopel & Langdon, 2018: 89) das populações indígenas no Brasil.

Este livro resulta do envolvimento e participação de muitas pessoas. Agradeço aos Munduruku por terem compartilhado um pouco de seus saberes. Sou grata à Dona Ester, à Nega e ao cacique Manoel Cardoso Munduruku e a sua família. Sem a acolhida dessas pessoas minha pesquisa não teria sido possível.

Na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, convivi com muitas pessoas que me receberam em suas casas e dividiram suas horas e atividades de trabalho, pelo que agradeço a todas: Gelson e Hilda, Daniele e Júnior, Juveca e Tuca, Alexandre e Júlia, Marina e Pelé, Isamara e Ederaldo, Baiaka e Bebé, Messias e Alcirema, Eunice e Izaías, Leomara e Alcimir, Ana Greyce e Valni, Ricardo e Rosa, Keké e esposa, Paulo e Dilza, Manoel e Maria Zuma, Jucinei e Vando, Antônio e esposa, Maria Brasil e Raimundo, Maria Izabel, Joana, Filuca, Graciete, Rosinete, Rosana, Aila, Maristela, Ana Mara, Lúcia, Matilde, Emiliano e Magrinho, Valdenice e Edmilson, Zilda e Manoel, Lirão e Clara, Levi e Nivânea, Kleuton. Espero assim estender meus agradecimentos a todos os Munduruku, agentes indígenas de saúde, agentes indígenas de saneamento, professores(as), mães, pais, avós e avôs que compartilharam comigo saberes e me permitiram participar de suas vidas.

Há outros amigos a quem quero agradecer. Agradeço a Jean Langdon, Eliana Elisabeth Diehl, Luiza Garnelo, Carlos Coimbra Jr., Ricardo Ventura Santos e Daniel Scopel pela ajuda, pelo incentivo e pelos diálogos que resultaram na presente edição.

Por fim, agradeço ao Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural pelo apoio financeiro à realização da pesquisa de campo. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas agradeço pela bolsa de estudos.

Agradeço à Fundação Oswaldo Cruz, em particular aos diretores Roberto Sena Rocha e Sérgio Luiz Bessa Luz, do Instituto Leônidas e Maria Deane, por apoiarem minha decisão de realizar a pesquisa. E à diretora Jislaine de Fátima Guilhermino, da Fiocruz Mato Grosso do Sul, pela acolhida e confiança.